



O MOSTEIRO DA CARTUXA, CABEÇA DA ORDEM.

JUNTO a Grenoble, antiga capital do Delphinado e hoje do departamento do Isère, assentou o ascetico S. Bruno os fundamentos á sua austera Ordem em o seio de montes fragosos e retirados, e porque *Chartreux* se chamava o sitio d'elle se apellidou a nova Ordem, que nós chamámos *Cartuxa*, alterando um tanto a palavra franceza: assim outras corporações religiosas tomaram nome ou dos fundadores ou das primeiras localidades do seu estabelecimento. Como as gravuras, que juntámos, representam os edificios e paiz convisinho do mosteiro, dito *la grande Chartreuse*, a magna cartucha, em rasão de ser casa principal; para que melhor se avalie o espirito mystico e desejoso de solidão, que moveu S. Bruno a largar as commodidades e a gloria do mundo, cumpre que descrevamos o territorio, que preferiu para morada e de seus 6 companheiros: servir-nos-ha de texto um livro portuguez, até porque goza da auctoridade de classico em linguagem, e vem a ser a — *Vida do patriarcha S. Bruno* — escripta por D. Basilio de Faria, prior da Cartuxa de Scala Caeli em Evora (.),

e tio do estimavel escriptor, Manuel Severim de Faria. Lemos o seguinte no cap.º 6.º desta obra (**). —

Está o ermo da Cartuxa posto nas asperas montanhas da Saboya, a que os antigos chamaram Alpes, no meio de umas serras de grande altura, tão ingremes e de tanta pemedida, que não achou atégora a industria humana modo nem lugar por onde a ellas se subir, porque todas ao redor são uma rocha talhada, que por muitas partes vai acabando em uns penhascos agudos, os quaes com sua natural aspereza não só metem espanto a quem debaixo os está olhando, mas ainda causa admiração ver o artificio com que a natureza foi misturando o rochedo daquellas serras com a verdura do arvoredado que por muitas partes arrebenta. O sitio por dentro é mui capaz, porrem mui aspero e intratavel, assim por estar a maior parte d'elle sempre cuberto de neve,

de Evora, e a duas pequenas leguas de Lisboa a Cartuxa do logar de Laveiras, da invocação de Nossa Senhora do Valle da Misericordia.

(**) Foi impressa em Lisboa em 1649 e publicada pelo sobrinho do A. — A descripção acima é tão exacta que concorda com outra, que temos presente, feita em 1827 por um cavalheiro francez.

(*) Não teve a Ordem em Portugal senão este mosteiro
MARÇO 26 — 1842.

como pelos ventos que ordinariamente correm, tão frios e agudos que até os animaes bravos do monte os não podem suportar, pelo que em todas aquellas brenhas ha mui pouca caça, e ainda das aves não ha as menores, como rouxinoes, melros, nem outras que com sua melodia costumam alegrar e fazer doce a habitação do campo, senão algumas maiores de rapina, como aguias a que a natureza ensinou a buscar os cumes dos mais altos rochedos para nelles fabricarem seus ninhos; e posto que em todas as cousas é este logar por sua estranheza muito para ver, todavia o mais admiravel de tudo é a serventia que Nosso Senhor ordenou que tivesse, porque não havendo nenhuma por estar todo em roda crespado de penedia, de fóra se levanta outro monte da mesma altura, que no cume se foi encostando ao da Cartuxa, de modo que deu logar a se lançar de uma a outra parte uma ponte por industria humana, com a qual a entrada não só ficou accommodada para o serviço da Cartuxa, mas tambem facil para se defender a passagem a quem nella quizesse entrar. Fica por baixo da ponte um valle entre estas serras, que por ser profundissimo e não admittir os raios do sol se faz tão escuro, que mais causa horror que gosto aos que passam por cima, ao que ajuda muito o rouco som do rio Guyer, que pelo fundo vai passando, cujas ondas quebradas na penedia causam um rumor importuno e temeroso. Fica muito curto todo o encarecimento que deste logar escrevem os historiadores para se poder explicar o grande artificio com que a natureza o compoz, porque parece quiz Nosso Senhor formar nelle um castello roqueiro, em que estes Santos se pudessem defender dos inimigos d'alma com tanta facilidade, que não ficassem armas ao mundo, diabo e carne com que os inquietar. —

Quem vai de Grenoble ver a famosa Cartuxa, de ordinario faz um rodeio por aproveitar o caminho da Saboia, e ao largar a aldêa de S. Leonardo costeia a margem de uma torrente das montanhas, o Guier, por um passo estreito, que é cerrado por uma casa com portas de volta arqueada, e esta é a entrada para o cêrco da Cartuxa, espaço fechado por montanhas das mais escarpadas, altas e bravias, daquelles circuitos, sem outras arvores senão a melancholica e uniforme verdura dos pinheiros, por entre os quaes prosegue o caminho, com uma serra empinada da direita, e o abismo por onde corre o Guier da esquerda: quando o soturno valle se alarga, rarea-se cada vez mais o pinhal; em breve só nos intervallos dos pincaros das rochas apparecem alguns lárices, arvore que resiste ás mais aspe-

ras temperaturas; raras são as faias do norte; e logo entra-se n'uma campina, onde avulta o mosteiro, que havia pouco se não descobria: simples na construcção, é elle magnifico pelo desmesurado tamanho, e pelas circumstancias de sua posição selvatica, mas no seu genero picturesca: foi incendiado algumas vezes, duas pelos calvinistas nas guerras de religião no 16.º seculo: restauraram-no, e posto que a revolução franceza o espoliasse do principal de seus bens, os monges o continuaram a habitar, restando-lhes algumas concessões feitas em tempo de Luiz 18.º, de fórma que em 1830 ainda contava entre leigos e professos 150 pessoas. A cella do patriarcha S. Bruno está convertida em capella; e mostra-se com veneração o manancial d'aguas, que alli brota, e onde o austero anachoreta saciava a sêde.

Alem do que apontámos ha outro caminho para a Cartuxa, e é o mais direito indo de Grenoble, pela montanha *le Sauey*, da assomada da qual se desfructa uma bella vista daquella cidade e do valle em que jaz: segue tambem por meio de pinhaes com alguns intervallos de pastagens, onde se avistam alguns casaes: a entrada por este lado para o recinto da Cartuxa é um passo estreito com uma casa e portada como a primeira, que deixámos desenhada; fica pouco distante a aldêa *la Chartreuse*.

S. Bruno foi natural de Colonia; floreceu no undecimo seculo; tendo feito os seus estudos em Paris, era conego da sé de Rheims, quando abraçou a vida de anachoreta pelos annos de 1080: foi canonisado em 1514. Por certo que seu primeiro intento não era crear uma nova ordem religiosa, mas retirar-se do mundo, com os seis que o acompanharam, a exemplo dos antigos eremitas da Palestina e da Syria, e erigir como fez uma capellinha e cellas separadas no chão inculto e intratavel, que lhe concedeu Hugo, arcebispo de Grenoble, e onde mais tarde se levantou ampla fabrica para os moradores, que em epochas de calamidades e dissensões, e ao mesmo tempo de exaltação religiosa, se refugiavam na vida solitaria. — Verdade é que não está bem averiguado quando e por quem foi construido o mosteiro; nem, depois dos muitos incendios que soffreu, se póde por alguns restos de feição característica de architectura avaliar a data da fundação primeira: pelo menos os indagadores, Vaysse de Villiers, e Expilly nada nos dizem. O actual edificio, maciço e forte, só é notavel [como dissemos] pela vastidão; todas as suas construcções fecham um espaço ou vão oblongo, ou claustro, de mais de 700 pés de comprimento; em redondo estão as cellas,

cada uma com dois quartos, um gabinete para livros, altar, e exteriormente uma casinhola de madeira, que abre para um jardiminho murado. A casa capitular é adornada com os retratos dos geraes da ordem: todas as officinas são extensissimas, inclusa uma boa quei-

jaria; a mesa da cosinha é formada de duas grossas pranchas de marmore de enorme tamanho: — e nenhuma outra coisa se encontra no mosteiro digna de notar-se afóra a vida austera dos poucos monges, que o habitam.



ENTRADA DO MOSTEIRO DA CARTUXA.

MOSTEIRO DE BELEM.

4.º

O PORTICO por onde hoje se chega á entrada principal da igreja mascarou por tal arte a fronte desta que apenas a custo se pôde atinar com o projecto que já em grande parte fôra posto em execução.

O meio do esguio e comprido quarteirão dos dormitórios, correspondia na primitiva á porta principal situada entre dois botaréus bem lavrados. — Ao limiar desta chegavam os raios do sol depois de atravessarem o intervallo des-

cuberto que separava o mosteiro. As torres, que por assim dizer atalaiavam a porta, podiam tambem flanquear com as suas faces do poente todo o comprimento do mencionado quarteirão por uma e outra banda.

Cada torre tinha em baixo uma fresta ou janella, outra na altura do coro, e a final superiormente uma especie de varanda em correspondencia das ventânas dos sinos das torres. Poderia talvez communicar de uma á outra pela cimalha que fica sobre a porta, — na qual cimalha se veem gargulas espaçadas symetricamente, as quaes hoje só podem descobrir-

se subindo aos telhados. Nenhuma das torres se chegou a acabar. Na do sul, que se vê no frontispício, e que antes de muito exame parece ter sido única, ainda chegaram as obras até o principio dos artezões que deviam fechar a abobada do campanario, que serve de base ao coruchéu, ao qual conduzem escadas de caracol que partindo do côro são a espaços alumiadas por agulheiros. — No do norte apenas se assentaram os sócos dessa base, o que se poderá conhecer distinctamente examinando-a de perto. Por baixo da mencionada cimalha ficava respondendo ao meio da porta principal um desses vãos circulares arrendados, mui frequentes no estilo ponteagudo, aos quaes os francezes dão o nome de *rosaces*, e nós lhe temos sempre ouvido chamar «oculo» e assim lhe chama o proprio Moraes no vocabulo «luneta» que adopta na mesma acceção: espelho é o nome que lhe dão Fr. Raphael de Jesus e Fr. Luiz de Sousa (*) — deduzindo com propriedade a metaphora do buraco circular lavrado no meio das guitarras, ao qual se dá tal nome. No lugar pois desse oculo ou espelho existe hoje uma janella moderna rasgada para dar mais luz ao côro, talvez porque os frades receassem cançar a vista na leitura da *miudissima* letra do cantochão! Embaixo do mencionado oculo ou espelho devia exteriormente ir quasi tocar, elevando-se da porta principal, a flôr do remate superior desta, similhavel ao golfão, que deixando as raizes no pégo procura com seus compridos talos ir ostentar perante o sol a beleza das pétalas. — Mãos barbaras cortaram aqui esta flôr pelo pé, só para construir um pavimento em que se aproveitasse um pedacinho de chão. Vem pedreiros, levantam andaimes, accarretam materiaes, e dentro em pouco eis que apparecem uns poucos de homens com vertiginosa furia esfolando paredes, escalavrando esculpturas, e derribando muitas pedras; — separando, para encaixar seja aonde fôr, algum pedaço que acertava de cahir com esculptura inteira. Tapam-se umas janellas, rasgam-se outras, alguns rapazes levam para fora em cestos o entulho que se vai amontoando: — emfim, desenvolve-se em taes obras a actividade do costume nas cousas de que só mal resulta. Porfim um leigo que se dizia architecto dava o risco para um ridiculo *pronaos* a fim de encubrir a porta principal da igreja, offerecendo por cima aos frades commoda pas-

sagem para o côro, — construindo uma casa á qual se inculcou o pretexto de ser destinada a conter os retratos dos reis de Portugal.

Digâmos porem o que encontra de notavel quem entra o portico moderno. A primeira cousa que vê logo á direita é um altar de pedra desguarnecido por baixo do oratorio do Senhor Jesus dos Navegantes, que encobre uma das janellas baixas da torre que felizmente escapou, quando outro tanto não succedeu á sua parceira. Segundo quer o Sr. A. Castro esse altar foi o proprio em que se disse a missa de despedida de Vasco da G., a qual talvez avivasse a elrei a lembrança de fazer o convento naquelle lugar. — A este respeito nada dizem Gaspar Corrêa e Castanheda: este ultimo falla apenas da procissão com que os nauticos sahiram de Nossa Senhora de Belem para o embarque. Barros é mais extenso, e não se esquece da mencionada missa: eis-aqui as suas palavras: «Postos os navios em Rastello, lugar «de ancoragem antiga, um dia ante da sua partida foi (o Gama) ter vigilia com os outros capitães á caza de N. S.^a da invocação de Be-thelem situada neste lugar de Rastello, a «qual naquelle tempo era uma hermda que o «Infante D. Henrique mandou fundar, onde «estão ainda alguns freires do convento de «Thomar para administrarem os sacramentos «aos mareantes. Ao seguinte dia que era sabado 8 de Julho [1497] por ser dedicado a «N. S.^a, e a caza de muita romagem; assi «por esta devoção como por se irem espedir «dos que iam na armada, concorreu grande «numero de gente a ella. E quando foi ao embarcar de Vasco da Gama os freires da caza «com alguns sacerdotes que da cidade lá eram «idos a dizer missa ordinaria, uma devota «procissão com que o levaram» &c. —

Contiguo ao altar mencionado fica, entre duas toscas columnas de cada lado, a entrada da portaria. — No tympano do frontão desta porta, ou para melhor dizer, por cima da base do frontão sem empenas, se lê uma inscripção latina que allude ao fundador. Entrando-se esta porta se chega á casa que conserva como guardado todo o trabalho da esculptura e estatuaría — que resta na porta principal. — Algumas loisas de sepulturas lageam ahí o chão; a obra do tecto demonstra que houve com ella intento de imitar o systema d'artezões da igreja; mas fez-se isso com mui pouca felicidade no exito.

A porta principal não obstante ficar á direita de quem entra, e não em frente, chama logo a attenção do observador entendido. — É formada d'um arco revirado ou de volta composta de talões, porem mui abatido. As hombreiras e suas guarnições são mui ornadas —

(*) E' singular que Fr. Luiz de Sousa explicando a propriedade da metaphora na descripção da Batalha não fosse coherente no emprego do vocabulo; por quanto o vão, a que se refere, longe de ser circular é uma fresta ou janella como as outras, porem maior. Naturalmente, fazendo a descripção em Bemfica, não tinha bem de memoria esta particularidade na Batalha, e guiou-se pela regra geral.

tendo cada uma quatro nichos com anjinhos. — Pela parte superior estão dois cherubins de pedra sustentando as armas de Portugal, — tendo por cima uma escultura do natalicio de Christo, e mais abaixo uma da Annunciação ao lado esquerdo, vendo-se á direita na mesma altura a Adoração dos Reis. — De cada lado da porta cubertos por lavrados baldaquins, e sobre os capiteis de fustes enroscados entre dois nichos de imagens se veem de joelhos effigiados ao natural e com os competentes vestuarios o rei fundador, e sua mulher D. Maria, viva quando esta porta se fez. Póde ser que dahi se devam tirar os dois retratos mais parecidos destas duas pessoas reaes. — No capitel ou peanha sobre que está o fundador se vê a sua esphera armilar, e no da rainha castelhana o escudo bipartido de Portugal e Castella. Segue-se para cada um dos lados dois botaréus, tendo cada um tres nichos com imagens de Santos. Parecem mui baixos, e natural é que fossem cortados e arrematados com os vasos quando ahi se fizeram as obras. A cada lado segue mais um nicho com uma figurinha, cercado tudo de bem cinzelados labores que foram partidos na occasião em que se fizeram as obras acima mencionadas.

5.º

Porem é já tempo de deixar de estar parado á porta. Entremos na igreja. Quando effectivamente se entra figura-se esta muito baixa, e em verdade ahi não terá mais de tres braças d'alto, ficando o resto de altura occupado pelo côro que entra algumas oito braças pela igreja adiante; sendo esta em tal extensão muito estreita por ter de cada lado duas capellas, das quaes as primeiras foram construidas para ter altares, que vinham a ficar por baixo dos dois coruchéus das torres se acaso estes se fizessem. — São aqui mais dignos de attenção não só a curva e lavor dos primeiros dois arcos de igual altura que ficam aos lados, mas tambem o dos tres que se prolongam com as naves, dos quaes o do meio é mais largo e obtuso. Alem disso chamam a attenção do espectador os grossos artesões ou ribetes do tecto, cujos florões ou molduras *interseccionaes* contêm as armas portuguezas, a esphera do fundador, a cruz da Ordem de Christo, &c. — As columnas dos referidos arcos, guarnecidas a meio por um bocel lavrado, são torsas, e por esta fórma se prolongam pela archivolta até se encontrarem no fecho: estas voltas tem analogia com algumas do estylo de Tudor que se veem na cathedral de Norwich contemporanea a este mosteiro. — Começam em

dois arcos e vão fechar-se nas direcções normaes destes, ou em outros dois arcos cujos raios se suppõem de grande extensão para terem aquelles menor curvatura.

A capella que fica á direita recebe a luz por uma fresta que deita para fóra — mencionada no capitulo anterior; tinha ainda outra fresta que como dissemos foi tapada e encuberta pelo oratorio do Senhor dos Navegantes. Na parede fronteira fica um altar com tres imagens, sendo digna de menção especial a de S. Leonardo, que elrei D. Manuel recebeu como presente do papa. Por todas as outras paredes se veem imagens e reliquias, que eram da capella d'elrei D. Sebastião, o qual no seu testamento feito em Lisboa aos 13 de junho de 1578 — antes de se ir a sepultar em Africa, ordenou que por sua morte ellas se conservassem em deposito neste mosteiro, em quanto assim fosse da vontade de seus successores. —

Na capella do lado esquerdo — chamada do Senhor dos Passos — quasi não apparece senão obra de talha dourada de madeira que com essas columnas salomonicas de máu gosto, guarnecidas no fuste de parras e cachos d'uvas serviram tanto ha mais de um seculo para encubrir ás vezes primores de architectura e de escultura. — Esta capella dos Passos está resguardada por uma grade de ferro fechada; e a outra fronteira, de S. Leonardo, por uma balaustrada de madeira.

Proseguindo adiante vemos á direita junto á parede que deita para esta ultima capella um sarcófago singelo e não acabado, que o Sr. D. Pedro 2.º mandára fazer para encerrar o corpo de seu infeliz irmão D. Affonso 6.º — Seguem-se os tres arcos sobre os quaes termina o côro: cada um delles corresponde a uma das naves que lhe fica no prolongamento. A abobada do vão do arco do meio é moderna, como se deduz logo do lavor dos artezões. Foi construida [bem como o que distinctamente ahi proximo se descobre haver sido ha pouco reedificado] depois do terremoto de 1755 que abalou parte da igreja.

Apenas o espectador traspassar estes ultimos arcos elle receberá a impressão grandiosa inspirada pela largura da igreja, pelo achatamento da abobada — igualmente alta nas tres naves, e pelos labores dos pilares que a sustentam. O angulo optico não póde abranger senão parte, mas isso mesmo dá variedade de impressões. — Tem o corpo da igreja nove braças de largura, e segundo a nossa aproximativa medição o comprimento total não chega a trinta e cinco. — E ainda que alguns lhe assignem mais tres, pela nossa conta a distan-

cia desde a porta da igreja ao primeiro degrau do cruzeiro é menor do que vinte braças; este ultimo tem sete; a capella-mór, até o ultimo degrau de pedra, quatro; e o altar apenas occupa duas e meia. — Assim vem a ser pouco menor que a da Batalha, e muito mais pequena do que a d'Alcobaça, que tem de comprido quarenta e tantas braças. — A altura da abobada, se o habito de avaliar a olho nos não atraiçoa desta vez, é menor do que a da nave do meio da Batalha; deve andar por umas nove braças como a d'Alcobaça: a do cruzeiro é com tudo um pouco mais alta e bem artezoada: os florões ou bossetes nos fechos octogonos, são cubertos de outros maiores — ao que parece de metal — pintados com espheras armillares, cruces da Ordem de Christo, e não distinguimos já bem se o leão do timbre de S. Jeronymo, deixando-se com tudo ver ainda o seu barrete de cardeal. Não podemos divisar ahi inscrições algumas, nem julgamos que ellas existissem mais do que na credulidade dos que imaginaram te-las visto neste logar.

FÉ, ESPERANÇA, CARIDADE.

SEM duvida que é uma rasão prodigiosa a que nos deu a conhecer na fé o manancial de todas as virtudes. Não ha poder e fortaleza senão na convicção: nem um raciocinio é forte, divino um poema, formosa uma pintura, senão porque o espirito ou o olho que os julga está convencido de uma certa verdade occulta nesse raciocinio, ou poema, ou quadro. Que milagres não podem produzir pequeno numero de soldados persuadidos da habilidade do seu general? — A amisade, o patriotismo, o amor, todos os sentimentos generosos são tambem uma especie de fé. Por isso que *creram*, os Codros, os Regulos, e outros, fizeram prodigios. Eis-aqui porque esses corações que em nada *creem*, que tratam como illusões todos os affectos da alma, e como loucuras todas as formosas acções; que desdenham da imaginação e da ternura do genio, nunca poderão conceber cousa verdadeiramente grande ou generosa; não tem fé senão em a materia e na morte, e estão já insensíveis como uma, regelados como a outra. — Na linguagem das antigas cavallarias *dar a sua fé* era synonymo de todos os prodigios do amor. Campos de batalha e tradições ainda proclamam quem foram os leaes cavalleiros que prestavam *fé e homenagem* ao seu Deus, á sua patria e á sua dama. E será preciso citar os martyres? — «heroes que [na phrase de St.º Ambrosio] sem exercitos, sem legiões, venceram tyrannos, amansaram feras, tiraram ao

fogo a sua violencia, ao gladio os seus gumes.» — A fé, considerada na sua amplidão, é uma força tão terrivel que destruiria o mundo, se a fins perversos fosse applicada: nada ha que não seja capaz de executar um homem, sob o jugo de uma persuasão intima, e quando submete sem condição a sua rasão á de outro homem. O que prova que as mais eminentes virtudes, quando as separam de Deus, e as querem considerar em suas simples relações moraes, estão quasi a tocar na raia dos maiores vicios. Se os philosophos tivessem feito esta observação, não teriam tamanhas difficuldades em fixar os limites do bem e do mal. Não careceu o christianismo de uma escala, como Aristoteles, para engenhosamente collocar uma virtude eutre dois vicios; mas cortou o obstaculo com toda a segurança, mostrando-nos que as virtudes o são quando refluem para a sua origem, isto é para Deus. Firmar-nos-hemos nesta verdade, se applicarmos a fé aos negocios humanos, chamando-a por intervenção das idéas religiosas. Da fé descendem todas as virtudes da sociedade, porque é certo, por unanime assenso dos sabios, que o dogma que ensina a crer em Deus remunerador e vingador é o mais firme sustentaculo da moral e da politica. Finalmente se fizerdes da fé o seu verdadeiro uso; se a encaminhardes inteiramente para o Creador; se a tomardes como olho intellectual que vos descobrirá as maravilhas da cidade santa e o imperio das existencias reaes; se prestardes azas á vossa alma para a levantar sobre as miserias da vida; reconheceréis que as Escripturas não exaltaram de sobejo esta virtude, quando fallaram dos prodigios que com ella se podem praticar. Fé dos contractos — dizem todos, e todos a devem guardar. Mas, ó fé celeste, fé consoladora, tu fazes mais que erguer de seus fundamentos as montanhas, tu levantas pesos oppressivos, que esmagam o coração do homem.

A esperança, segunda virtude theolocial, tem quasi a mesma força que a fé; o desejo é o pai do poder; quem deseja efficazmente, alcança. Procurai, disse J. Christo, e achareis; batei e vos abrirão. Pythagoras dizia no mesmo sentido: *o poder habita ao pé da necessidade*; porque a necessidade indica privação, e esta caminha com o desejo. O desejo ou a esperança é o genio: tem a virilidade que gera e a sede que se não estanca. Vê-se um homem illudido em seus designios?.. É porque não desejou ardentemente, porque lhe faltou aquelle amor que cedo ou tarde se apossa do objecto a que aspira, daquelle amor que [na Divindade] abrange tudo e frúe todos os mundos por uma immensa esperança sempre satis-

feita, e que renasce sempre. — Ha todavia uma differença essencial entre a fé, e a esperança considerada como força. O fóco da fé está fóra de nós, provem-nos ella de objecto alheio de nós: ao contrario a esperança nasce dentro de nós para trasbordar exteriormente. A primeira é-nos imposta, o nosso proprio desejo gera a segunda; aquella é obediencia, esta amor. Porem como a fé gera mais facilmente as outras virtudes, dimana mais directamente de Deus, e por consequencia sendo emanação do Ente Supremo é mais bella que a esperança; eis a razão por que a Igreja collocou a fé em primeiro lugar. — Todavia a esperança offerece em si um character particular; é o que a põe em relação com as nossas misérias. — Indubitavelmente foi revelada pelo céu a religião que constituiu virtude — a esperança: esta ama dos infelizes posta ao pé do homem, como a mãe junto ao berço do filhinho enfermo, que o embala nos braços e o sacia do leite que lhe acalma os padecimentos, vela á sua cabeceira solitaria, adormece-o com feitiçoas cantilenas. Quão admiravel é ver a esperança, tão grata para conservar-se e que parece movimento natural da alma, transformar-se para o christão em virtude rigorosamente exigida, de fórma que o obrigam a beber a largos tragos dessa taça magica, quando para muitos miseros seria felicidade tocar-lhe com os labios. Ainda mais, e aqui vai a maravilha, será recompensado *por ter esperado*, ou por outra, por ter feito a sua propria ventura. O fiel, sempre militante na vida, sempre ás mãos com o inimigo, é tratado pela religião quando em desbarate, como esses generaes vencidos que o senado romano recebia triumphantes só pela razão de que não tinham desesperado da salvação final. E se os antigos reputavam tão maravilhoso o homem que conservava alguma esperança, que pensariam do christão, que em sua linguagem assombrosa não diz *manter* mas *praticar* a esperança?...

E o que diremos agora da caridade, filha de J. Christo, e que no sentido proprio da palavra significa — *graça e alegria*?... Sabendo a religião o quanto os affectos humanos são sujeitos a degenerar em culpaveis não se serviu da palavra *amor* que não tem severidade bastante, nem d'*amizade* que vai sumir-se no tumulto, nem de *compaixão* demasiado individual e mui proxima do orgulho; mas achou a expressão *charitas*, caridade, que abrange as tres primeiras, e tem um certo quê celestial que purifica as nossas tendencias, as encaminha para o Creador, e para o proximo mediante elle e por amor d'elle. — Finalmente se a caridade é uma virtude toda christã, ema-

nada do Omnipotente e do seu Verbo, é ao mesmo tempo uma estreita alliança da Divindade com a humana natureza. Só por essa continua harmonia do céu e da terra, de Deus e da humanidade, se reconhece o character da verdadeira religião. Quantas vezes as instituições moraes e politicas da antiguidade estão em contradicção com os sentimentos da alma: ao contrario, o christianismo, concorde sempre com os corações, não ordena virtudes abstractas e solitarias, mas virtudes tiradas das nossas precisões e uteis a todos. Collocou a caridade como poço d'abundancia nos desertos da vida. — «A caridade é soffredora, é benigna, não procura supplantar outrem, não procede temeraria, não se ensoberbece. — Não é ambiciosa, não se applica aos seus privativos interesses, não se irrita, não cogita o mal. — Não folga d'injustiças; compraz-se com a verdade. — Tolerando tudo, crê tudo, tudo espera e tudo soffre.» — Eis-ahi como a definiu o apostolo S. Paulo na 1.^a ep. aos Cor. cap. 13.^o

Temos visto quanto são nobres e de origem divina as tres virtudes, firmes baluartes da nossa crença: — e que virtudes eram as que tanto apregoavam os sabios da antiga Grecia?... A fortaleza, a temperança, a prudencia. — Ó J. Christo, só vossa alma terna e sublime podia ensinar ao mundo que a fé, a esperança, a caridade são as virtudes que convem assim á ignorancia, como á miséria dos homens!... (*)

DA SEMANA SANTA.

(Conclusão.)

QUINTA feira maior, assim denominada por antonomasia em razão da sublimidade dos mysterios que em tal dia se recordam, é a festa mais pomposa do rito catholico. Pelos sermões de S. Eligio, e de S. João Chrysostomo, bem como pelos capitulares de Carlos Magno, sabe-se que por longa successão de tempos, depois da era christã, neste dia se fazia a reconciliação dos penitentes e dava-se soltura aos presos, pelo que lhe chamâmos ainda quinta feira dos perdões: os penitentes, expulsos da igreja em quarta de cinza eram recebidos e absolvidos pelo Bispo: S. Jeronymo na epíst. 30 nos representa os de Roma cubertos de sa-co e cinza esperando á porta da Basilica de S. João de Latrão o prelado maior, que lhes ampunha as mãos em signal de reconciliação e os mandava entrar. Em algumas igrejas tinha lugar o acto durante uma missa, que por isso se denominava «dos penitentes» havendo tres neste dia; esta a primeira, a segunda para a

(*) Gen. du Chr., L.^o 2.^o

benção dos santos oleos, e a terceira em memoria da instituição da Eucharistia. Em todos os tempos foram bentos os oleos, que se applicam nos quatro sacramentos, Baptismo, Confirmação, Ordem, e Extrema-Unção, assim como a agua para o primeiro; sendo rito transmittido por apostolico exemplo e tradição, testemunha S. Basilio no liv. de Spir. S. cap. 27. Vedam expressamente os Concilios o pedir-se ou exigir-se cousa alguma pela distribuição dos Santos-oleos; e que os parochos que os receberem nada deem ordena, entre outros, o segundo celebrado em Braga, em seu canon 4.º — A cerimonia da denudação dos altares denota as sortes que os judeus lançaram sobre as vestiduras de Christo, e que entre si repartiram: — a do Lavapés tambem exprime o acto do Redemptor em que a um tempo nos ensinou o exercicio de duas eminentes virtudes, a humildade e a caridade: chama-se tambem do Mandato, porque por esta palavra começa a primeira antiphona que se canta, e porque Jesu Christo a recommendou dando expresso mandamento: *mandatum dedi vobis*.

Sexta feira santa, denominada *parasceve*, que quer dizer preparação para o sabbado, é o dia especialmente consagrado á consummação do assombroso e pio mysterio da redempção no lenho da cruz; por isso entre os actos que se celebram tem logar a respeitosa «adoração da cruz» praticada pela igreja desde tempo immemorial, como consta da ep. 31.ª de S. Paulino, e dos antigos escriptores ecclesiasticos. Juliano, o apostata, exprobrava aos christãos o adorarem um lenho, quando o sentido dos padres e doutores é que se reverencia a cruz como instrumento onde Christo se humilhou por nos salvar, mas que intimamente só é adorado Christo que nos remiu: St.º Ambrosio fallando da imperatriz S. Helena declara que ella não adorava na cruz o lenho, o que seria erro gentilico, porem sim a quem delle estava pendente: e sabido é que não ha uma só palavra da igreja que auctorise idolatrias, pelo contrario a todos os actos do culto externo estão ligados sentidos mysticos que se hão de ponderar. — Calam-se os sinos em demonstração de acerbo luto e tristeza, e renova-se em muitas partes o uso de certos instrumentos de páu, especie de matracas, vestigio da antiguidade ecclesiastica, quando assim chamavam os fieis aos divinos officios.

Chegamos ao sabbado santo, e agora se canta a festiva alleluia; esta palavra, que se compõe de duas vozes hebraicas, significa *louvai ao senhor*: crê-se que fôra introduzida na igreja christã pelo pontifice S. Damaso, nosso conterraneo. A igreja grega conserva esta voz

nos ritos funeraes; mas a catholica a supprimiu em seus officios desde a Septuagesima até sabbado santo, para denotar a sua tristeza e penitencia. Comtudo da epistola de S. Jeronymo a Oceano vê-se que se cantava nos funeraes, e que os monges para salmear no côro se convidavam com esta palavra.

Já que temos explicado alguns termos peregrinos, que dos livros ecclesiasticos passaram para a nossa lingua, não devemos omitir a palavra, com que usamos concluir as nossas deprecações á divindade. *Amen*, quer dizer assim seja, assim queira Deus — ou cousa semelhante, sempre indicio de assentimento: em varios sentidos, mas analogos, a vemos empregada nas Santas Escripturas: no fim das orações que o sacerdote recita, quando o povo, ou o acolyto por elle, diz *amen*, é signal de approvação e confirmação. Disto o tomamos proverbialmente para a nossa lingua, e tanto que o poderemos auctorisar com F. R. Lobo, quando, seguindo o estilo do seu tempo, ainda hoje em voga, diz. — Se outros fallarem muito, dizer os *amens*, porque ovelha que hãla bocado que perde. —

Em sabbado santo tem, entre outras, logar a cerimonia de accender as luzes apagadas da igreja com o *fogo novo*; este costume porem se praticava quotidianamente á hora de Vesperas nos primeiros seculos, porque não estava em uso arder perennemente uma ou mais lampadas nos templos; e para que não viesse luz profana de fóra se feria o lume com uma pederneira: vid. Grancolas L.º 2.º cap. 65. — A benção do cirio paschal diz-se instituida no começo do seculo 5.º, posto que alguns contradigam esta data: era em sua origem uma columna de cera, em que se inscrevia com um ponteiro a ordem do Officio para todo o anno até a Paschoa futura: em algumas igrejas é do peso de 33 libras em honra dos 33 annos de idade de J. Christo, que por elle é symbolisado. — A benção da pia baptismal, é de tão remota antiguidade que se crê ser de instituição apostolica, como se lê em S. Basilio no logar que antecedentemente citámos. Em memoria dos 12 apostolos se cantam doze lições, analogas ao mysterio do dia, tiradas de varios livros da santa Biblia, e a que vulgarmente se dá o nome de prophcias. — Pelo que respeita á semana paschal daremos noticia em o n.º immediato.

O HOMEM benefico é melhor calculista que o malfazente: a beneficencia do primeiro se resolve finalmente em seu proveito, como os malficios do segundo em seu detrimento e ignominia.